



## GÊNERO E MEMÓRIAS: O RELATIVISMO DAS LEMBRANÇAS.

Cláudio Travassos Delicato<sup>1</sup>

Por meio das lembranças sobre os lugares<sup>2</sup> podemos perceber como as pessoas se interam e reagem às alterações formais e sociais do lugar em que vivem, recobrando a característica humana do espaço vivenciado em suas múltiplas temporalidades, e resistências muitas vezes silenciadas, submersas. A partir de relatos em torno da instalação de uma paróquia<sup>3</sup> em um bairro da cidade de Garça – SP em meados da década de 1950 trataremos sobre a relatividade<sup>4</sup> da memória e a diversidade narrativa na relação entre fatos e representações. Das imagens e dos sentimentos evocados, combinações entre vivências e espaços podem configurar representações de maneira a possibilitar a compreensão das diferentes práticas sociais e comportamentos relacionados aos lugares, especialmente as assimetrias em relação a papéis de gênero<sup>5</sup>. Uma questão é central: papéis de gênero orientam as lembranças?

O desenho de uma cidade se configura aos olhos de cada um de seus habitantes como uma espécie de narração da qual nos apropriamos de formas diversas a partir de referenciais de classe, gênero, geração, “raça”, religião, etc. Ao evocarmos lembranças sobre lugares da cidade a partir de

---

<sup>1</sup>Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da FFC- Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP- Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”-Campus de Marília. Orientação: Dr<sup>a</sup> Lúcia Maria Vianna Possas. Membro do Grupo de Pesquisa CNPq “Cultura e Gênero” – UNESP Marília.

<sup>2</sup>O lugar se constitui de elementos “identitários, relacionais e históricos” correspondentes a um “conjunto de possibilidades” de materialização espacial, Marc Augé diz que o lugar é uma “idéia, parcialmente materializada” que um habitante pode ter em relação ao território e seus próximos, mediante marcas que o sinalizam perante os outros. Tais lugares são geralmente geometrizados baseados na linha, na interseção das linhas e no ponto de interseção, concretamente exemplificados por “itinerários, cruzamentos e centros” que normalmente são interdependentes (1994: 52-54). Segundo Yi-Fu Tuan, “na experiência, o significado de espaço freqüentemente se funde com o de lugar. ‘Espaço’ é mais abstrato que ‘lugar’. O que começa com espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. (...) As idéias de ‘espaço’ e ‘lugar’ não podem ser definidas uma sem a outra.” (1983:6).

<sup>3</sup> “Divisão territorial de uma diocese sobre a qual tem jurisdição ordinária um sacerdote, o pároco” (FERREIRA, 1997: 1272). Uma diocese é a “circunscrição territorial sujeita à administração eclesiástica de um bispo ou, por vezes, arcebispo, ou dum patriarca” (IDEM: 592).

<sup>4</sup>Basicamente o “relativismo pode ser uma doutrina global sobre todo o conhecimento, ou uma doutrina local sobre uma certa área (estética, ética ou juízos sobre qualidades secundárias, por exemplo). Os aspectos inerentes aos sujeitos que supostamente determinam o que é verdade ‘para eles’ podem incluir o contexto histórico, cultural, social, lingüístico, psicológico ou ainda a própria constituição sensorial” (BLACKBURN, 1997: 342). Nesse sentido, consideráramos que não há fatos puros, sem “adornos”: “Mesmo para descrever, temos que interpretar com a ajuda de teorias e em uma linguagem impregnada de teoria... o ‘mundo real’ é em grande medida, construído com base nos hábitos de linguagem do grupo” – “relativismo perceptivo”-, (...) “subentendendo-se, talvez, que os que têm teorias ou linguagens profundamente diferentes, habitam ‘mundos diferentes’” (OUTHWAITE & BOTTOMORE, 1996: 658).

<sup>5</sup> Na relação entre lugares e memórias, quanto à diversidade de perspectivas, os papéis de gênero entram como uma categoria de análise que permite sofisticar a abordagem sobre a memória dos lugares, permitindo pensar na multiplicidade de sujeitos e na construção das diferenças entre os sexos, pois o caráter relacional do conceito é matriz atribuidora de sentido a valores, status, comportamentos, atitudes, idéias, símbolos, identidades sociais enfim, culturalmente constituídos.



reminiscências pessoais, específicas das experiências de vida do informante, evidenciamos diversas maneiras de lembrar<sup>6</sup>. Lembranças e significados impregnam as imagens que cada habitante tem da cidade e, geralmente, a percepção dela não é abrangente, mas “parcial, fragmentária, misturada com considerações de outra natureza”, e as imagens formadas resultam da complexa combinação dos sentidos em operação (LYNCH, 1997: 1).

A relação entre lugares e tempo evidentemente passa pelas lembranças de cada um de nós. E o que significa o passado para uma pessoa relacionado a algum lugar? Em parte, segundo Tuan, “a necessidade de adquirir um sentido do eu”, da identidade<sup>7</sup>, e “para fortalecer o nosso sentido do eu, o passado precisa ser resgatado e tornado acessível” (TUAN, 1983: 206). Para Ecléa Bosi, as lembranças “têm assento nas pedras da cidade presentes em nossos afetos, de uma maneira bem mais entranhada do que podemos imaginar” e na “disposição espacial” existe “algo que torna inteligível nossa posição no mundo”, que mesmo após a remoção das pedras mantém os vínculos que nos ligavam a elas (1979: 362-370).

No início da década de 1950, o município de Garça-SP contava pouco mais de duas décadas de fundação<sup>8</sup> e “32 221” habitantes, sendo “12 433” na parte urbana<sup>9</sup>, atualmente são aproximadamente quarenta e quatro mil habitantes, sendo trinta e seis mil na cidade, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Seu núcleo urbano, dividido ao meio pela linha férrea<sup>10</sup>, era formado por dois “patrimônios” identificados como “acima” e “abaixo” da

---

<sup>6</sup> Em “A Voz do passado”, Paul Thompson diz que a “realidade é complexa e multifacetada; e um mérito principal da história oral é que, em muito maior amplitude do que a maioria das fontes, permite que se recrie a multiplicidade original de pontos de vista (...). No sentido mais geral, uma vez que a experiência de vida das pessoas de todo o tipo possa ser utilizada como matéria-prima, a história ganha nova dimensão” (1992: 25).

<sup>7</sup> Identidade no sentido das percepções que uma pessoa faz de si mesma em relação a ela, aos outros e aos sistemas sociais. Um termo correlato seria *self*, “organizado em torno de um *autoconceito*, ou seja, as idéias e sentimentos que temos sobre nós mesmos (...). Em um nível mais estrutural, o *self* baseia-se também em idéias culturais sobre os status sociais que ocupamos (...). Este componente do *autoconceito*, que se baseia nos status sociais ocupados pelo indivíduo, é conhecido como identidade social” (JOHNSON, 1997:204). Ver também: GOFFMAN, Erving. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis, Vozes, 1985.

<sup>8</sup> A região onde o município se localiza foi uma das últimas ocupadas no Estado de São Paulo (MONBEIG, 1984), o mapeamento foi realizado por expedições durante a primeira década do século XX e a colonização teve como bases a cafeeicultura e a ferrovia.

<sup>9</sup> Dados a partir do “Censo de 1950” publicados na *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*, XXVIII Volume. Rio de Janeiro, IBGE: 1957.

<sup>10</sup> A linha férrea cortou a cidade ao meio e orientou a ocupação urbana, como em muitos outros municípios paulistas (GHIRARDELLO, 2002). Durante os quase cinquenta anos em que a ferrovia dividiu a cidade, os trilhos serviram como uma referência que identificava moradores da parte “acima” ou da parte “abaixo” da linha, até a excepcional mudança para o limite sul do núcleo urbano e a criação de um loteamento denominado “Faixa de Integração” no antigo leito da ferrovia, com a significativa intenção de conciliação entre as duas metades da cidade. A ferrovia implantada pela “Cia. Paulista” foi inaugurada “no dia 1 de janeiro de 1928”. “Em 10 de dezembro de 1968” foi iniciada a retificação do trecho da ferrovia “visando a redução do percurso entre Garça e Bauru, em 28 quilômetros.” A inauguração do trecho retificado e da nova estação ocorreu em “05 de maio de 1974”. Nas palavras de Caroly Gonçalves Silva, um memorialista local, a “retificação deslocou a passagem dos trilhos para fora da cidade, resolvendo



linha<sup>11</sup>. Enquanto a parte “de cima”, conhecida como “Ferrarápolis”, residência da elite local nesse período, onde se localizava o “centro” da cidade, com a grande maioria das atividades administrativas, comerciais e de lazer, já apresentava boa parte de infra-estrutura atendendo seus moradores, o “patrimônio de baixo”, denominado “Labienópolis”<sup>12</sup>, começava a tornar-se mais populoso, atraindo principalmente parte da população rural que vinha morar na cidade.

É na periferia da parte de “baixo” que um proprietário de terras fez um loteamento no início da década de 1950, para atender a crescente demanda por terrenos residenciais populares. No que seria uma praça local construiu uma pequena capela que denominou São Benedito com a respectiva imagem do santo instalada. Vale lembrar que a “doação” de área para instalação de praça e igreja católica era prática corriqueira e geralmente o “centro” das cidades formava-se em torno dessa praça. Na parte de “cima”, desde 1936, localizava-se a “igreja matriz” sediando a “Paróquia de São Pedro”. Pequenas capelas e templos de outras religiões atendiam a demanda local nos bairros e no caso da “capela de São Benedito” a distância do centro da cidade e a dificuldade da travessia da linha férrea favoreceram o crescimento da comunidade religiosa católica na chamada “Vila Nova”. A população pobre que ali morava participava das missas celebradas por um padre da “Paróquia de São Pedro” que acumulava as funções até que no início do ano de 1955 o bispado da região, sediado na vizinha cidade de Marília, decidiu criar uma segunda paróquia em Garça.

Relatos sobre a instalação dessa segunda paróquia são emblemáticos sobre a vinculação entre memória, lugares e relações de gênero. Comemorando dez anos da chegada de um novo pároco em Garça, um articulista assim descreveu o fato iniciando o texto com o título “Um frade veio para Garça...” e completando logo em seguida:

“...quando Garça realmente necessitava de um frade!...

E o frade que veio valia por dois! E, às vezes, quando preciso, valia também por dez!...

Tinha sido criada a Paróquia da Vila Nova (tão cheia de buracos velhos...) e o frade veio para dirigi-la, tomando posse no dia 11 de fevereiro de 1955. Faz dez anos, lembram-se?...

Como era pobre e feio aquele bairro!

---

o velho problema de dividir Garça em duas partes,” o que prejudicava “não somente, a locomoção normal, como a própria aparência urbana” (1977: 266).

<sup>11</sup>Morar “acima” ou “abaixo” da linha poderia ser visto como reflexo de uma disposição física determinada pelos trilhos da ferrovia, mas “a sinalização tão banalizada no universo social brasileiro do ‘em cima’ e do ‘embaixo’ nada tem a ver com altitudes topograficamente assinaladas”, geralmente “exprime regiões sociais convencionais e locais. Às vezes querem indicar antiguidade (a parte mais velha da cidade fica mais ‘em cima’), noutros casos pretendem sugerir segmentação social e econômica: quem mora ou trabalha ‘embaixo’ é mais pobre e tem menos prestígio social e recursos econômicos”. (DAMATTA, 1991: 34). Em Bauru-SP, por exemplo, a “partir da segunda década [do século XX], com a presença das ferrovias, o espaço urbano foi definido: ‘acima da linha’ era a área preservada para atividades comerciais e moradia das elites locais; ‘abaixo da linha’ ficavam os bairros operários e a zona do meretrício (...). Os espaços das cidades, que se vão estruturando à beira da linha dos trens e trilhos, confirmam uma sociedade hierarquizada e excludente, e se constituem também em territorialidades distintas” (POSSAS, 2008: 31-42).

<sup>12</sup> Os nomes dos patrimônios garcenses aludiam aos respectivos loteadores pioneiros: Carlos Ferrari e Labieno da Costa Machado.



Quanto terreno vago, quanto mato alto, quantos cães vadios, quantas cabras e cavalos pastando pelas ruas, quanta poeira, se fazia sol, quanta lama, se chovia, quanta necessidade material e quanta necessidade espiritual a socorrer!...

À noite, que solidão e que abandono, que angústia profunda se apossava da alma da gente ao roçar fustigante da ventania desnorreada!...

Como única esperança de refúgio e de alvorada lá estava, pequenina e humilde, sumida e sozinha no centro deserto de um quarteirão inteiro, a Capela de São Benedito mandada construir pelo velho e bom amigo César Correia Lopes, quando do loteamento da Vila, de parceria com Ulisses Reis Matos e outros.

Ali estava... Sim, senhores! Ali estava a MATRIZ da Paróquia da Vila Nova! E para lá foi o frade, Vigário da nova Paróquia..." (FERREIRA, 1982: 140-142).

O artigo, publicado no jornal "Correio de Garça" em 11 de fevereiro de 1965, continua enaltecendo a figura do frade, Frei Aurélio Di Falco da Conceição<sup>13</sup>, enumerando suas ações, não restritas ao ofício religioso. O frei trouxe ao "pobre e feio" bairro, habitado por "almas" solitárias, abandonadas e angustiadas, o conforto material e espiritual. Durante a primeira década de instalação da segunda paróquia garcense, o frei construiu um novo templo<sup>14</sup> em um terreno em frente ao quarteirão onde ficava a antiga capela, que foi demolida, ergueu um "cruzeiro"<sup>15</sup> no local que passou a ser uma praça denominada "Largo do Santuário", construiu um prédio, ao lado de onde seria a nova igreja, para sediar o "Patronato Juvenil Garcense"<sup>16</sup>, onde implantou uma escola para crianças e jovens com a ajuda de "irmãs de caridade" que trouxe da Itália, montou uma tipografia e imprimiu um jornal chamado "Estrela Seráfica"<sup>17</sup>. O destacado empreendedorismo do Frei Aurélio só foi possível pela sua capacidade de articulação com a "alta" sociedade local que apoiava e bancava suas ações. O fato de ter sido "Sócio Honorário" do "Rotary Club" da cidade

<sup>13</sup> O Frei Aurélio Di Falco (1917-1993), nascido em "Nápoles", Itália, "ingressou na Ordem Franciscana em 1935 e foi ordenado sacerdote no ano de 1945". Em 1952 veio, a seu pedido, para o Brasil onde assumiu como "Vigário Coadjutor nas cidades de Bebedouro e Jaboticabal" e logo em seguida "como pároco de Olímpia, de setembro de 1953 a fevereiro de 1955". A "Fundação Napolitana dos Padres Franciscanos" mediante convite do "Arcebispo de Marília, Dom Hugo Bressane de Araújo" aceita a responsabilidade pela "segunda paróquia a ser criada em Garça" e indica o Frei Aurélio que é empossado em "11 de fevereiro de 1955" na agora denominada "paróquia Nossa Senhora de Lourdes". Segundo o memorialista Caroly Gonçalves Silva, "a paróquia inicialmente foi instalada numa capela dedicada a São Benedito, medindo apenas seis por dez metros. Embora a construção de uma igreja fosse aspiração normal da coletividade, Frei Aurélio Di Falco deliberou, preliminarmente, enfocar o problema social da Vila Nova, que se caracterizava pela pobreza e carência dos mínimos recursos indispensáveis dos seus moradores." (1977: 614).

<sup>14</sup> "Satisfeito com o andamento dado à estrutura assistencial, Frei Aurélio organizou a Irmandade do Santíssimo Sacramento visando à construção do templo definitivo, cuja primeira pedra seria abençoada em 29 de novembro de 1959." A primeira missa na nova igreja foi realizada em 11 de fevereiro de 1961, mas somente em "18 de março de 1970, o novo santuário foi solenemente consagrado a Nossa Senhora de Lourdes" (GONÇALVES SILVA, 1977: 615).

<sup>15</sup> "Grandes cruzeiros erguidos nos adros" - terreno em frente e/ou em volta da igreja, às vezes utilizado como cemitério -, "cemitérios, largos, praças, etc." (FERREIRA, 1986: 505). Curiosamente, o Frei Aurélio é o único sacerdote católico na cidade de Garça que foi sepultado em uma igreja.

<sup>16</sup> Concomitantemente às preocupações "sociais" do Frei Aurélio, o "Juiz da Comarca", "acompanhado por um grupo de homens que se dedicava aos mesmos ideais, fundaram em 20 de fevereiro de 1956 a obra social franciscana com o nome de Patronato Juvenil Garcense" e "segundo o Frei Aurélio, a construção foi como verdadeiro milagre da Providência, tanto que, em agosto de 1957, já funcionava, naquelas dependências, a escola noturna de alfabetização, o atual MOBREAL e, logo a seguir, o Jardim da Infância" (GONÇALVES SILVA, 1977: 614-615).

<sup>17</sup> A escolha do nome composto alude à origem do termo "serafim" - do hebraico "*seraphim*, pl. de *seraph*, 'aquilo que queima, e que se purifica com o fogo'" (FERREIRA, 1986: 1573) - que unido ao termo "estrela" evoca a condição sublime, elevada, do empreendimento.



(GONÇALVES DIAS, 1977:615) é um indicativo de seu prestígio junto à elite local, considerando a grande influência que confrarias leigas, como o “Rotary” ou a “Maçonaria”, possuíam na época. O Frei Aurélio, já investido do poder religioso, de enorme peso, transitou na sociedade local de uma forma que foi vista por muitos como elo entre as “necessidades” dos pobres e a “caridade” dos ricos.

A entrevistada Sr<sup>a</sup> Vera<sup>18</sup> diz que “o Frei Aurélio era envolvente, você sabe, né...” e para atrair a elite local para sua paróquia “ele fazia os favores e recebia os favores em troca”, como, por exemplo, a celebração de batizados na zona rural a pedido de algum fazendeiro:

“Tanto que ele construiu o patronato com dinheiro dessa turma. A turma era muito rica... então ele conseguia. Era fazer batizado lá na fazenda não sei da onde... eu vou... Era praxe dele, ele vinha todo domingo quase almoçar na casa do Xxxxxx ... da Xxxxx... o próprio Xxxxxx (fazendeiro, industrial, ex-prefeito e ex-deputado estadual muito atuante e influente na região)... Ele era... político, mas fez. (...)E ele tinha... ele tinha aqueles cursos... o frei Aurélio também tinha aquele negócio do... como é que chamava? (Clube Serra)... Eu lembro da Neuza e do Douglas fazendo (irmã e cunhado)... Eram cursos que determinados casais que freqüentavam a igreja davam pra outros... (...) E depois... tudo encerrado no domingo... pro almoço. (...) O frei de uma certa forma, ele começou a arrebancar a turma daqui (da parte de “cima”) que ia pra igreja dele”.

A ligação do frei “franciscano” com a elite política e econômica da cidade e a conseqüente transferência de fiéis para sua paróquia parece ter incomodado os padres “redentoristas”<sup>19</sup> da igreja “matriz”. Em outra entrevista, com a Sra Nilma<sup>20</sup>, um caso particular ilustra bem a estratégia de aproximação do frei junto à elite local e a “a rixa” entre o frei e os padres da paróquia do “patrimônio de cima”:

“Quando nós íamos nos casar, o Gilberto (marido) tinha ido pra São Carlos e tinha escutado umas músicas bonitas em órgão... Aí na matriz de... na catedral... matriz de... São Carlos. Aí ele foi perguntar pro padre, tomou o nome do disco e comprou o disco... E quando a gente foi casar... porque aqui quando casava o coro cantava... porque só tinha um coro... e o Gilberto falou pro padre que não queria que o coro cantasse, que ele tinha comprado um disco, né... e que ele queria por o disco. Aí o padre falou que não podia. Aí ele falou assim...ah, mas se não puser o disco eu não... aqui eu não caso. E o padre falou assim então pra ele... não... então pede pro bispo, se o bispo deixar... nós deixamos. Aí nós fomos falar com o bispo (...), Aí nós fomos saber depois que o bispo tinha falado... que o padre Vicente com o padre Batistela falaram, o bispo falou que não se opõe, mas nós não queremos porque a música sai através de um cristal... não sei o quê... Aí o Gilberto falou, então eu não caso. Aí eu fiquei apavorada (risos)... porque se eu não caso como é que eu faço? Era na última semana do casamento... Cláudio, você acredita? Olha que besteirada... Aí eu falei pra ele, Gilberto...eu não posso... não vou me juntar com você... mas de jeito nenhum, eu sou católica. E ele também era... é muito católico, né... agora que não vai na igreja... Aí ele falou assim pra mim... eu vou conversar com o frei Aurélio. Aí nós fomos conversar com o frei Aurélio... O frei Aurélio andava de rixa com os padres daqui, sabe... E aí o padre... o frei Aurélio... o Gilberto falava assim pra ele... não quero assim, colocar o senhor numa situação ruim, né... Ele falou... não, não, não... pode casar que eu topo o que vocês quiserem... Eu casei lá por isso.”

<sup>18</sup> Entrevista “Vera Lúcia Aparecida Guanaes Bonini”, concedida em 13 de janeiro de 2010 (Duração 01:01:08).

<sup>19</sup> Duas “ordens” católicas, dentre as várias existentes, estavam representadas na cidade, a “Franciscana”, “fundada por São Francisco de Assis (1182-1226)” (FERREIRA, 1997:808) e a “Redentorista” da “Congregação do Santíssimo Redentor, fundada por Santo Afonso de Ligório em Scala, reino de Nápoles, em 1732” (IDEM:1467).

<sup>20</sup> Entrevista “Nilma de Carvalho Sita”, concedida em 23 de outubro de 2009 (Duração 00:38:22).



Muitos casamentos foram celebrados com a abertura de alguns precedentes pelo Frei Aurélio. E grande parte desses casais continuou freqüentando tanto as missas quanto outras atividades promovidas no local. No trecho citado da entrevista com a Sr<sup>a</sup> Vera, ela menciona um grupo que existia dentro da paróquia do Frei Aurélio. Pois um dos entrevistados, o Sr Dorival<sup>21</sup> foi o “primeiro presidente do Serra Clube<sup>22</sup> de Garça”. Ao tocar no assunto, visivelmente emocionado, fala sobre a chegada do Frei Aurélio ao município e como assumiu a segunda paróquia (onde havia a capela de São Benedito):

“Depois que se formou (ordenação), mandaram ele pro Brasil. Então veio aqui pra escolher aonde que ia ficar. E naquela ocasião o... tinha aqui na paróquia o padre Antônio Magliano (...) e a coisa funciona da seguinte forma... (o frei) chegou em Marília e se apresentou para Dom Hugo Bressane de Araújo (o bispo) e falou pra ele... Eu queria assumir lá... (...) Ele falou assim pro bispo... a igreja... essa capela de Garça tem nome?... ele falou (o bispo)... Não... Então eu proponho por Nossa Senhora de Lourdes... era dia 11 de fevereiro de 55... Bom... aí veio e foi lá... e puseram ele pra dormir lá na igreja... De manhã quando ele acordou... aquilo era... não era cidade, não é... ele olhou lá em cima... um São Benedito lá... Aí começou a briga... Bom... aí ele foi... foi entender com o bispo... mas não tem nada registrado aqui... (...) Aí começou a briga com ele... É igreja de São Benedito... é igreja de São Benedito... O que acontece?... Quando o doutor... sogro do doutor Mário Miranda... chamava-se César Correia Lopes... ele loteou aquilo tudo lá e reservou aquele jardim que tem lá... aquela praça... pra justamente fazer uma igreja. E ele mesmo construiu uma igreja de tijolo lá... pequena... e pegou e pôs a imagem de São Benedito lá, né... Então ficou igreja de São Benedito. Mas não tinha nada registrado na diocese... não existia isso, né... E quando o povo... aí começou a briga com ele, né ... Não senhor... a igreja é de São Benedito... Não... mas não é... É Nossa Senhora de Lourdes... (...) E aí foi aquele bafafá... foi aquela briga... Porque não... porque não pode... Explicar e tal... No fim começaram abaixar a crista... aí ele começou a fazer as quermessinha dele lá... Dali ele foi aumentando o pedaço da igreja... Daí ele... ele conseguiu... já tinha um dinheirinho... ele conseguiu já um lote dele lá... depois ele foi descobrindo de quem era o... de quem eram os outros lotes, né... uns ele comprou, outros ele ganhou... aí ele construiu aquela beleza que está lá... aquela obra... (...) O Patronato... e ele tinha o jornal lá, né... famosa “Estrela Seráfica”, né... (...) Quer dizer que... essa foi a história do frei, né... Ele ficou doído... porque você acordar numa igreja de... pequenininha, escura... e ver uma imagem de São Benedito lá em cima... falou, agora achei o chapéu. Mas como ele dizia que o prazer dele era brigar... e ele queria lugar pobre... não queria aqui (no patrimônio de “cima”). E quando o padre Antonio foi embora daqui... aí o bispo mandou chamar ele pra ele assumir aqui... Ele falou... Não, eu não saio lá da minha igreja... meu lugar é lá... é com os pobres lá...”

A versão do Sr Dorival sobre a chegada do Frei Aurélio em Garça é muito parecida com a do artigo de jornal transcrito anteriormente, no sentido de enaltecer a figura do frei, adicionando ainda o que seria uma renúncia em nome dos “pobres” da “Vila Nova” quando diz que o frei não aceitou permanecer como pároco na igreja matriz. Por motivos que não mencionaremos aqui, o padre “Antonio” foi embora da cidade repentinamente e coube ao Frei Aurélio assumir momentaneamente as duas paróquias, entre “julho de 1956” e “agosto de 1957” (GONÇALVES

<sup>21</sup> Entrevista “Dorival Baraldi”, concedida em 09 de janeiro de 2010 (Duração 01:08:44).

<sup>22</sup> O Sr Dorival durante a explicação sobre a fundação do Serra Clube em Garça, em 1969, diz que o movimento era internacional, iniciado em 1934, e comenta algumas atividades da organização, inclusive um movimento que fizeram a partir de 1978 quando tinham clubes em 55 cidades da região e queriam chegar a oitenta em 1980. Lamenta que não conseguiram e as atividades em Garça pararam logo depois em 1983. Lembra de participações em outras cidades e de visitas de pessoas de outros clubes a Garça. O objetivo principal era rezar para que houvesse mais padres e religiosos no mundo, vocações sacerdotais e religiosas. Nas ocasiões festivas levavam as mulheres. O nome do clube era uma homenagem a um padre que viveu no século XVIII, chamado “Junípero Serra” que naquele tempo já trabalhava para vocações.



SILVA,1977: 615) até outro sacerdote assumir a paróquia de “São Pedro”, que como já falamos anteriormente era de responsabilidade da ordenação católica redentorista. De qualquer forma, Frei Aurélio assumiu posição de destaque na cidade e muito prestígio por grande parte da comunidade católica da qual faziam parte o Sr Dorival, a Sr<sup>a</sup> Nilma e a Sr<sup>a</sup> Vera, freqüentadores(as) da igreja do frei.

Percebe-se, no entanto, que enquanto nas versões impressas, o artigo jornalístico e o texto do “Livro de Garça”, tensões e conflitos não estão evidentes, nos relatos da Sr<sup>a</sup> Vera e da Sr<sup>a</sup> Nilma eles aparecem. O artigo de jornal foi pesquisado após a conversa com o Sr Dorival, que inclusive citou o “Estrela Seráfica”, periódico impresso na tipografia do Frei Aurélio. O articulista do “Correio de Garça”, católico praticante, também escrevia no “Estrela Seráfica” e o Sr Dorival era leitor de ambas as publicações. Mesmo estando bem à vontade durante nossa conversa, o Sr Dorival, assim como outros entrevistados do sexo masculino, procurou sempre manter uma provável coerência entre o que falava e o que já havia sido registrado sobre os fatos que comentava. A similaridade entre o relato oral, das fontes masculinas, e a escrita, no caso também masculina, caracterizou uma tendência de manter uma representação dos fatos de forma linear e sem grandes contradições. Nas versões femininas, mesmo partindo de pessoas com formação escolar análoga ou superior à dos homens, houve maior desprendimento do que seria uma versão “oficial” sobre o “Frei Aurélio” e revelam-se aspectos conflituosos.

No depoimento seguinte, da Sr<sup>a</sup> Aparecida<sup>23</sup>, as tensões são escancaradas. Ela morou na “Vila Nova<sup>24</sup>”, quando a família mudou-se da zona rural para a cidade, e assim se lembra do lugar:

“Aí a gente veio morar aqui na Vila Araceli e... tinha uma igrejazinha que era na vila... bem no meio da... do centro do jardim... era Vila... era Igreja do São Benedito. Era muito gostoso de você ir nas missa... tinha as procissão... era tudo muito bem organizado, né... (...) Vila... Naquele tempo era Vila Nova... Agora é Vila Araceli, né... (...)Antes da igreja do frei... Era muito bonita aquela igrejazinha... a gente enfeitava... época de São João... tinha as procissão... nós era Filha de Maria. Saía aquelas procissão tudo assim bem organizadinha, né... Aí então o frei entrou, né... ele veio pra cá e já começou... não quis mais aquela igrejazinha. Aí começou...fez na frente da igrejazinha um puta de um barracão, ficou horrível, parecia mais uma oficina, não parecia mais uma igrejazinha, muita gente ficou triste... Aí ele fez a igreja onde que é hoje... Igreja Nossa Senhora de Lourdes... (...)A antiga era ali no centro daquele jardim (virou praça)... (...) Tem aquele jardim, a antiga era ali, bem no meio. E ele fez do lado de cima. Aí ele fez a igreja do lado de cima e pôs o São Benedito lá pelos fundos da sacristia. Aí como a gente tinha aquela tradição de fazer aquela procissão... isso não é lenda, nem é coisa inventada... (...) a gente saiu na procissão... aí ele pôs a Nossa Senhora e saímos com a procissão, que era o dia de São Benedito. (...) passou dois quarteirões, deu uma ventania... que aquilo ficou vermelho de poeira e ninguém conseguia mais andar. Aí a turma começou... põe...traz o São Benedito (risos)... traz o São Benedito, né... que a homenagem... o dia é dele, né... Aí o frei teimando, o frei teimando... Aí não sei quem lá foi, trouxe o São Benedito... aí passou tudo o temporal. Você vê ó... é coisa de a gente ficar arrepiada, né...”

<sup>23</sup> Entrevista “Aparecida Fernandes”, concedida em 06 de outubro de 2009 (Duração 00:20:28).

<sup>24</sup> Quando o novo templo construído foi formalmente inaugurado, no início da década de 1970, o Frei Aurélio trouxera da Itália a imagem do “Divino Menino Jesus de Araceli”, exposta desde então na igreja e que acabou provocando a alteração da denominação do lugar para “Vila Araceli” (GONÇALVES SILVA, 1977).



Fala como era antes da chegada do frei e reclama bastante de atitudes corriqueiras do sacerdote:

“Porque se ele quis fazer uma igreja bonita, porque ele não pôs o São Benedito que era o padroeiro dali, né? E muita gente ficou muito triste... e o frei... muita gente antiga que via o que ele era de ruim... se afastaram dali. Porque ele era assim... ele era muito... ele tinha muita amizade com as pessoas que tinha dinheiro. As pessoas pobre ele... ele nem recebia. Nós mesmo, uma vez, fomos levar um defunto lá pra benzer, ele não aceitou. Pediu pra levar em outra igreja que aquela ali tava fechado. Aí a gente fomos lá no salão paroquial, naquela época. E ele era assim, quando tinha missa, chegava uma mulher, a criança começava a chorar, começava a reclamar... ele fazia a mulher ir ficar lá fora e ele falava assim, porque que você não fica em casa com a criança e manda seu marido vim na missa. Porém, o marido chegava cansado da roça, do serviço... onde tivesse. Chegava cansado, tomava banho e ia descansar. A gente não tinha televisão naquela época, vinha assistir a missa e ele não deixava. Então, até hoje eu tenho sentimento, sabe por quê? Por que muitos padre bom morreram e enterraram eles no cemitério... e por quê que o frei que era tão ruim pros pobre tá enterrado ali na igreja Nossa Senhora de Lourdes? Ele foi assim um padre... um frei severo. Não é porque ele morreu que a gente vai santificar não... Ele foi severo e era muito amigo dos rico. Porque eu que trabalhei numa casa, e na época aquelas pessoas que ainda tomava conta do seu talão de cheque... ele não saía da casa das pessoa. Quando ele chegava... o Seu Fulano... o Seu Sicrano que era dono de fazenda, era administrador... ele já tirava o cheque, já fazia um cheque e já dava pro frei... Aí os filho, quando os pais já não conseguia mais lidar com o dinheiro... o filho tomava conta... aí ele se afastava, porque ele já não ia mais visitar aquela residência porque sabia que o filho não ia soltar o dinheiro que o pai... Tá me entendendo? E assim ele foi a vida toda, o Frei Aurélio... Quando ele tinha um bom dinheiro, que que ele fazia? Ele ia passear na Itália... Ia passear na Itália... vinha... trazia presente pra quem ele se interessava... não dava satisfação pra ninguém... Então a revolta de muita gente antiga ali desse frei é isso...”

A Sr<sup>a</sup> Aparecida percebe muito bem a “troca de favores”, citada anteriormente, entre o Frei Aurélio e a elite local. Moradora em “Vila Nova”, transformada em “Vila Araceli”, no patrimônio de “baixo”, e empregada doméstica, no patrimônio de “cima”, sente a diferença de tratamento que o frei dispensava aos frequentadores de sua paróquia e não tem a percepção de que os “favores” da “alta” sociedade garcense beneficiavam os pobres da paróquia do frei, como transparecido nos outros relatos. Deixa bem claro a insatisfação que segundo ela não era somente sua:

“É... a gente frequentava muito a igreja lá, né... Mas depois que ele começou com aquela... metidez... com aquela reparação... fazia separação dos pobre e dos rico, né... eu mesmo fui com minha... fui crismar minha filha e eu queria entrar junto com a madrinha e ele não deixou. A menina tinha cinco anos e ela se lembra disso até hoje... ela falava, mãe, eu chorei tanto quando o padre pediu pra senhora ficar lá fora esperando... e entrou só madrinha pra crismar as menina... as criança toda, né... E o certo era a mãe tá junto, né... Ele fechou a porta, não deixou as mãe entrar. (...) Aí depois a gente casou (a filha)... mudou de setor, né... a gente já não ia... a gente tinha muita mágoa... porque a gente gostava muito da igreja do São Benedito, né... e ele trocou, né. E ele teve muitas perdas depois que ele tirou o nome do santo da igreja, né. Tudo bem, Nossa Senhora de Lourdes não tem nada a ver com isso... ela entende, né... Mas ele não devia de fazer, porque... ele desfez dele porque era pretinho, né...”

Conclui, falando sobre a outra paróquia, a da igreja “matriz”:

“Ah... a matriz, né... a matriz, né... Ali você entra... minha filha casou ali, foi muito bonito... foi com o padre Belo... um casamento muito bonito... Não tem esse negócio de pobre e rico... não tem esse negócio porque hoje você não colaborou com a oferta, amanhã o padre tá de cara feia com você... Ali é tudo igual... todo mundo...”

Diferentemente das outras pessoas ouvidas, a Sr<sup>a</sup> Aparecida não frequentou escolas quando criança. Seu depoimento faz parte de um conjunto de relatos colhidos em uma turma de alfabetização de adultos. Mulher, pobre e analfabeta, ela tem experiência da cidade muito pontuada



por diferenças de classe que percebe em razão da vivência em universos locais muito distintos, do emprego em casas de gente rica na parte de “cima” da cidade, da moradia na parte “pobre” e da distinção que o Frei Aurélio fazia entre as pessoas na igreja que freqüentava quando moça.

As fronteiras entre os espaços e lugares podem ser esquinas, pontes, praças, igrejas, ruas, avenidas, etc., mas não há nada evidente por si, pois às marcas físicas se interpolam as marcas imaginárias. A “forma externa” da cidade, fisicamente delineada pode ser também compreendida mediante a leitura e interpretação dos “códigos” de diferenciação que socialmente configuram a “forma interna” em suas “múltiplas sutilezas que devem ser percebidas para além das meras concretizações físicas” (BARROS, 2007: 75-76).

As pessoas, desde muito cedo, “aprendem a contar histórias de acontecimentos relacionados à sua própria vida ou mesmo daqueles eventos que as alcançam pela importância ou significado que lhes atribuem”. Dessa maneira, “o ato de narrar o passado a partir do olhar do presente, incorporando experiências, traz diferentes perspectivas que vão sendo estabelecidas a partir dos embates da vida diária, resultando do próprio operar cotidiano” (MONTENEGRO, 2006: 96).

Recuperando percursos, as diversas formas como as pessoas trilham a cidade, podemos identificar e historiar os lugares e analisar as maneiras de se apropriar dos espaços, assim como verificar como se processa a organização sócio-espacial da cidade e como as pessoas interagem dentro desses espaços que no tempo assumem formas específicas, desvelando prováveis deslocamentos sociais dos espaços urbanos. Recuperar os trilhos possíveis por entre as várias atividades cotidianas significa recuperar vivências repletas de emoções que uma contemplação de aspectos meramente formais da cidade deixaria escapar.

### *Bibliografia*

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Tradução de Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papyrus, 1994.

BARROS, José D’Assunção. *Cidade e História*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BLACKBURN, Simon. *Dicionário Oxford de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1979.

DAMATTA, Roberto. *A casa & a rua*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1991.



FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, Roque da Silva. *Janela do meu tempo: um punhado de crônicas em São Simão, Garça, Duartina e São Paulo*. São Paulo: Editora do Autor, 1982.

GHIRARDELLO, Nilson. *À beira da linha: formações urbanas da Noroeste Paulista*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Trad. Maria Célia Campos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1995.

GONÇALVES SILVA, Caroly. *Livro de Garça*. São Paulo: Gráfica São João, 1977.

JOHNSON, Allan. *Dicionário de Sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*, XXVIII Volume. Rio de Janeiro: IBGE, 1957.

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MONBEIG, Pierre. *Pioneiros e fazendeiros de São Paulo*. São Paulo: HUCITEC/POLIS, 1984.

MONTENEGRO, Antonio Torres. Ciência, História e Memória: Questões metodológicas. In: ERTZOGUE, Marina H., PARENTE, Temis G. (Org.). *História e Sensibilidade*. Brasília: Paralelo 15, 2006, 95-116.

OUTHWAITE, Willian, BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do Pensamento Social do Século XX*. Tradução de Eduardo Francisco Alves, Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

POSSAS, Lúcia M. Vianna. As Fronteiras do Oeste Paulista. In: SETÚBAL, Maria Alice (coord.). *Terra Paulista: Trajetórias Contemporâneas*. São Paulo: CENPEC/Imprensa Oficial, 2008.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. São Paulo, Paz e Terra, 2002.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. Trad. Lúcia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.